



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII—N.º 461—Preço 1\$00  
11 DE NOVEMBRO DE 1961

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Paio Americo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## TRIBUNA de Coimbra

**E**RA domingo. Celebrei de manhãzinha para a nossa comunidade e destinei o resto daquele dia para os Pobres. A primeira caminhada foi para um bairrinho só deles. Dei uma volta geral e entrei em todas as casas que me foi possível. Assinei requisições, beijei crianças, muitos meninos e meninas beijaram as minhas mãos que o meu Bispo ungiu e que também fazem mal, ouvi desabaços, dei conselhos, pus a mão no bolso da batina e deixei alguma coisa noutras mãos, vi lágrimas, recebi sorrisos, enchi a minha alma da vida deles. Um grupo de crianças acompanhou-me, como de costume, até à estrada e tomei o rumo da horrível barraca falada na última quinzena e que me deixou intranquilo, por causa da sorte daquele menor para quem não temos um cantinho.

Depois de muito perguntar (e eu já ando tão afeito àqueles sítios!) lá cheguei. Não estava o pequeno, nem a mãe, nem o amante. Melhor assim. O aspecto do antro onde aquela família vive não se descreve e quem nunca viu não acredita. Vieram, os vizinhos e informei-me à vontade. O pequeno é muito humilde, não faz mal a ninguém. O homem com quem a mãe vive é amigo dele. Ela é que se quer ver livre do filho. Ora aí está. Mães que querem alijar a carga, e para isso, não lhes doi de inventar e fazer queixas dos filhos.

Há pouco ainda, um dos nossos com desassete anos começou a receber muitos postais da mãe.

### Eng. Duarte Pacheco

Tenho agora aqui o seu retrato à minha beira.

Há muito que o cobiçava em casa de uma velha e grande Amiga comum, a Senhora D. Domitilla de Carvalho. Disse-lhe o meu desejo. «Que me arranjava um». Mas eu queria aquele: Seria de um Amigo da primeira hora pela mão de uma Amiga da mesma sorte. «Que sim». Agora tenho-o aqui à beira, debruçado sobre o estirador, mão no queixo como quem cogita — um instantâneo de uma posição habitual do grande obreiro.

Dia 16, se Deus quiser, tê-lo-emos como intenção da nossa Missa. Completam-se 19 anos sobre o seu dia.

Que o seu dia esteja eternamente fixado na Glória.

Entendi que ele assim nem era dela, nem era nosso e resolvemos que fosse para a mãe. O rapaz trabalhava, entregava a fêria e tudo parecia correr bem e eu andava feliz. Cheguei a receber recados da mãe a agradecer a educação que damos aos nossos.

Um dia recebo uma carta escrita com lágrimas. Era dele. O rapaz, no fim do dia de trabalho, chega ao quarto onde viviam e encontra tudo vazio e somente um cobertor e um lençol já rotos. A mãe havia abalado com um amante para terra distante e nem mais uma palavra até hoje. Aquelle pobre rapaz viu-se assim naquela idade e pensou até em pôr termo à vida.

Mais. O ano passado fui moído para aceitar um pequenito vivendo com a avó que, idosa e doente, era socorrida pela Conferência de S. Vicente de Paulo. O pai deixara a família e a mãe fez o mesmo e foi para Lisboa. Há semanas atrás começa ela e um acompanhante a visitar o pequeno. Vestia de seda alta e enchia o filho de mimos caros. Um dia pediu para levar o menino. Que vivia bem, que estava estabelecida de cabeleireira, que o filho em nossa casa andava fraguinho e abandonado, etc., etc..

Procurei ouvir os vicentinos e fiquei a saber que tudo aquilo era mentira e que a sua vida continuava cheia de miséria em todos os sentidos. Mas ela continuou a vir e a insistir e nós entregámos o pequeno.

Dei-lhe um beijo, e com o beijo, a minha benção e fiquei a olhá-lo até o perder de vista. Mais um inocente entregue às aventuras de uma mulher que gerou e que, como tantas outras, nunca sentiu

## SETUBAL

Estamos na cidade. Setúbal. que em certos sectores nos tem acarinhado, tem-nos agora dentro dos seus muros, na Avenida Luiza Todi n.º 38-1.º onde poderá mais acessivelmente comungar da nossa vida.

Vimos, impelidos pela necessidade que o estudo impôs aos nossos rapazes que frequentam os cursos diurnos do Liceu e da Escola Técnica. O pequenino Lar começa com dez deles. São os nossos «estudantes de dia», como lhes costumam chamar, os outros, cá em casa. Alguns deles há cinco ou seis anos vagueavam pelas ruas da nossa cidade vendendo pentes, fazendo quadrilhas, sujos e nojentos, sendo a vergonha de todos e cavando a sua infelicidade. Hoje sorri-lhes a vida, numa casa onde podem levar uma vida humana, e ascender aos lugares acessíveis a todo o homem que se valorizou, desenvolvendo os seus talentos.

Parece-me ser para toda a cidade uma grande notícia. Que os nossos amigos rejubilem na alegria de vermos resolvida uma das grandes dificuldades.

Alugámos a casa. Custa-nos por mês 1.200\$00. De Lisboa veio parte da mobília da sala de jantar. De Coimbra a renda dos dois primeiros meses e dez camas com os respectivos colchões e colchas. De Setúbal, por enquanto!... Eu penso que não me hão-de incomodar muito as necessidades materiais e parece-me que não será difícil encontrar entre os homens-bons da cidade quem nos pague a renda do Lar. Quem marca presença?

Nós temos provado à Nação inteira que em qualquer Província da Metrópole ou do Ultramar os homens saídos das nossas casas são uma garantia de honra e de segurança. Quantos deles enfileiram no exército, actualmente? Com que quantias se pagam estes valores? Eu penso que os homens de fortuna sentirão a sua responsabilidade e tomarão a seu cargo as nossas despesas. Até à

as entranhas amorosas de mãe. Estas mães têm sido sempre um flagelo na nossa vida. Daí o nosso não, quase categórico, quando alguém nos apresenta um menino que tem mãe.

Padre Horácio

data, não temos muitas provas dos afortunados de Setúbal. Convenço-me de que com a nossa presença na cidade seremos compreendidos mais objectivamente.

Não jogamos com sonhos nem falamos com mel. Eu não sei dizer de outro modo. A realidade é esta.

Que me ouçam todos os Setubalenses e venham ver! O Lar do Gaiato de Setúbal é a exposição da nossa Casa. Brevemente darei mais notícias.

Padre Acílio

## OS NOSSOS MAIORAIS

**T**EMO-LOS novos. Daniel o relata em Casos do Momento. Eu quero apenas reflectir.

a) O primeiro escrutínio, em que se exigiu maioria absoluta (2/3 do eleitorado+1), teve o seguinte resultado: Américo — 22 votos, Daniel — 5, Peniche — 5, Rocha — 7 e Tomás — 33.

Os eleitores manifestaram a sua confiança em um dos mais velhos e creio que o segundo escrutínio confirmaria o resultado, se não fôra a manifestação do sua dificuldade em aceitar.

Para nós, uma tal escolha dá-nos um sintoma do sentido da verdade e de bom senso do grupo de 72 rapazes com direito de voto (Todos os que fizeram a 4.ª classe e, excepcionalmente, algum já avançado em idade que ainda a não fez).

O Tomás e os mais velhos devem tomar esta indicação como um tónico, a refazer o cansaço dos anos e da responsabilidade e chamá-los a um renovo de generosidade indispensável em quem é chamado para servir.

b) Posta a renúncia do Tomás, o resultado iria decidir-se, praticamente, entre o Américo e o Peniche. Foi o que sucedeu ao 2.º escrutínio.

Américo — 54, Peniche — 12, Rocha — 3 e 3 abstenções. Temos, pois, Américo e Peniche Chefe e Vice-Chefe maiores da comunidade de Paço de Sousa, eleitos por ela mesma.

Ora, os dois transitaram para esta, da Casa do Tojal. Um, porque não estava sendo ali bom elemento; o outro por conveniência de preparação profissional. Aqui, ambos têm sido uma presença preciosa.

Concluamos sobre este acontecimento:

1.º) Eles — demonstram o acerto da doutrina de Pai Américo que aconselha a experiência de uma mudança de Casa, antes que a expulsão. Temo-la repetido várias vezes, e, sempre que ela se fez com rapazes de carácter, ainda que defeituosos e prejudicados pelo ambiente, a experiência resultou.

2.º) A Comunidade eleitora — demonstrou o seu sentido de universalidade dentro da Obra. Nenhum preconceito quanto à origem. Eu creio que poucos, ou talvez nenhum, repararam que os dois escolhidos vieram de outra Casa e tenho a certeza de que não sentem nisso qualquer desprimor. Tratava-se de escolher... e escolheram os que lhe pareceram mais capazes. Honra à comunidade eleitora!

3.º) A Comunidade do Tojal — eu quero dizer que esta eleição a responsabiliza. Tem sido aquela Casa a mais difícil. Em vão se esperou, até hoje, o Rapaz dela saído que tivesse qualidades e quisesse servir. Pois de lá vieram estes dois, que mereceram a escolha para os «altos comandos» em Paço de Sousa. Mais: Entre os 12 chefes, ainda um outro dali veio e não há muito tempo!

Espero que este facto vos faça reagir, Rapazes do Tojal — e, por sobre a importância dada a uma vitória em amigável jogo de futebol, esta vitória vos fale alto e vos faça altos no justo e generoso desejo de servir.

# Férias forçadas EM ORDINS

Depois de consumado o seu sacrificio, penoso e lento, deu a alma a Deus. Vi-a, no leito, anos a fio, às vezes a gemer, mas sempre conformada com a vontade do Senhor. Pensando no fim, dizia, com a maior naturalidade, que lhe haveriam de quebrar os joelhos, para a poderem meter no caixão. Mas o fim viria só quando Ele quisesse, embora os seus — confessava, amargurada — ansiassem pelo seu passamento.

Como os Pobres, passou na vida, fome e frio, mas o que lhe era mais penoso e aos que a visitavam era o abandono a que a família a votava. Criou sete filhos. Passou fome, para eles a não sentirem. Alguns construíram o lar, perto do ninho que os viu nascer. Cresceram os netos na falta de piedade para a que lhes era duas vezes Mãe. Abandonada pelos filhos. Abandonada pelos netos.

Se estivesse de saúde e tivera quê, a família aproximar-se-ia. Um filho seu, também já pai de filhos, vi-o bastantes vezes, deslocar-se duma família vizi-

nha até casa da Mãe. Não a vinha visitar, antes pedir que repartisse com ele da sua parca refeição. Uma vez curado e empregado, nunca mais ninguém o viu, sabedor de que ela, agora, doente e necessitada, precisava da sua presença e ajuda.

Se em vida era tão abandonada, que se espera, depois de morta? Prevendo-o, mandou, no fim dos seus dias, celebrar por sua alma algumas Missas, pois, dizia: «candeia que vai à frente alumia duas vezes».

Para quem está entrevada, os dias são longos e as noites mais longas ainda. Parte destas era passada a rezar. E dizia-me: **passai esta noite à sua porta e rezei por seus Pais.** E, assim, mentalmente, passava pelos benfeitores, de casa em casa, de freguesia em freguesia, pedindo as bênçãos de Deus para os vivos e sufragando os defuntos. Que agora o Senhor, que a veio libertar, lhe dê o eterno descanso, entre os esplendores da luz perpétua!

x x x

O inverno é a única estação em que Ordins tem recebido até hoje carradas de encomendas de chales. Como, não obstante, alguns pedidos já feitos, parece este ano não será como nos mais, daí as mesmas **Férias forçadas em Ordins.**

Para Bragança foi meia dúzia de chalhinhos para agasalhar crianças no Natal. A Senhora do chalo mensal virou-se para as camisolas e quere duas. Lisboa outros tantos chales. Luanda presenteia a esposa no dia aniversário natalício com um dos nossos chales. Para o Porto lá foram dois e para Pinhanços três.

Atenuando as nossas férias, a Associação Protectora da Primeira Infância veio por uma dezena. Também da Capital aquele senhor nosso amigo trouxe-nos a quinta encomenda duma dúzia dos ditos. Da Capela, uma avó agasalha com um dos nossos chales um netinho em África.

Seguindo o costume, um vale de 1.500\$ para chales, echarpes e camisolas. É a ilha da Madeira. Os dez selos do costume. Na mão, longe de casa, selos e vinte escudos. Uma viúva que vive com dificuldade lembra-se de nós.

A fama das nossas carpetes já chegou a Leopoldville. Serão duas de 2,50 m. x 2 m. e 3 m. x 2,50 m. que levarão o seu tempo a fazer. Um avô encomendou um tapete para o quarto da netinha e ficou radiante. Para o Porto foram tapetes e pegas. Para Lisboa um.

Temos uma carpeta ao vosso dispor e dois tapetes (1,10 m. x 0,50 m.) um beije e dois tons de verde.

E mais nada ponho na carta. Escrevam-nos os senhores na volta, a pedir chales, que as mulheres de Ordins precisam de trabalhar.

Padre Aires

## Do que nós Necessitamos

Abrimos esta coluna com 20\$00 e a simpatia da «Avó de Mosca» e «A vossa casa e todos desse Grande Lar estão sempre no meu coração. A minha amargura é não poder aumentar mais a minha esmola».

E roupas e 200\$00 para medicamentos, da Quinta Bom Jesus de Paços de Ferreira. Encomendas de Nampula, Braga, Figueira da Foz e muitas mais vindas do Espelho da Moda. E, graças ao Senhor, tudo cá vem ter, para sossego dos nossos benfeitores.

De passagem pela nossa aldeia, anotamos os Grupos Excursionistas «Amigos da Casa do Gaiato», com 650\$00. «Viva os canecas» com 43\$30 e «O Futuro será melhor» com 208\$60. Mais as comissões das festas a S. João de Carreiros — Rio Tinto e Travessa da Lomba — Rua Vera Cruz com 30\$00 e 500\$00 respectivamente.

Covilhã com 50\$00, Lourenço Marques com 600\$00 e Lisboa com 100\$00 de uma assinante. Mais 100\$00 e 500\$00. Da Trofa, 100\$00. De A. G. 80\$00. Uma anónima da Travessa da Arrábida 31\$00. Da assinante 30028, 50\$00. Mais Lisboa com 150\$00, Amadora com 20\$00, Porto com 100\$00 e Santo Ovídio com 20\$00. Da Beira 500\$00 e 1.650\$00 do Porto, de B. M. e 500\$00 e 28\$00. E uma gargantilha em ouro de uma assinante juntamente com 20\$00 de uma criada pelo bom resultado obtido no exame do 2.º grau.

E 100\$00 de quem assistiu à inauguração do bronze a Pai Américo, na cidade do Porto. 50\$00 dum anónimo do Brasil, por intermédio da assinante 3211. E 400\$00 para pagamento da assinatura e compra de um cobertor de papa para um pobre dos mais necessitados do Barredo. É da assinante 16949. Como adivinhou que depois do Outono vem o Inverno?! E quantos dos nossos irmãos nada têm com que enfrentá-lo?!

«Uma Penichense com 20\$00. De um aumento de ordenado 132\$50, do Bairro de Pereiró. E 100\$00 e 500\$00 de Alquerubim, 250\$00 de «Uma Cristã» e as cotas de Abril, Maio, Junho e Julho de «Uma admiradora». E mais aumentos de ordenado. Uma médica de Lisboa com 1.000\$00, Figueira da Foz com 60\$00, Aveiro com 150\$00, metade do primeiro ordenado e 200\$00 duma anónima.

100 angolares de alguém que: «Se Deus quizer, para o próximo mês, já enviarei esta importância da Metrópole». Seja bem-vinda e ótima viagem.

Porto 50\$00, 20\$00 e de A. D. S. 20\$00. De «um pecador» relativo ao mês de Setembro, 10\$00. Aparece também Nampula, «Assinante pecadora 33702» com 20\$00. Mais 500\$00 de Lisboa da assinante 6691, e que Deus a oia, no pedido que faz. De Nagoselo, por uma graça obtida, 20\$00. E Tomar com 70\$00. Presente a sublime legenda já nossa conhecida: «Por alma daquela que eu tanto amei para a Obra que ela tanto amava».

E 100\$00 «De um amigo do Porto, por intermédio de uma amiga de Lisboa». Soure com 20\$00. De Alpalhão — A. A. 140\$00; Albergaria dos Doze com 500\$00, lucro obtido na primeira transacção efectuada. A Guarda apresenta-se com 50\$00. E a assinante 6106 com 100\$00. Lourenço Marques envia-nos 12 vigésimos, e Póvoa de Varzim com 20\$00 para cá e 20\$00 para Belém. E importâncias várias divididas pela Conferência, Cálvario, Belém e Barredo.

Da Rua da Madalena os 20\$00 do costume, no silêncio dum simples envelope. E o pessoal amigo da Mobil, com duas presenças. Mais 300\$, mais 20\$00 e Ilhavo com 50\$00, Porto 50\$00 e Ermezinde com 3 pneus. E mais Porto com 100\$00 no «5.º aniversário do falecimento do nosso querido filho adoptivo». E de Nova Lisboa, por uma intenção muito particular, uma medalhinha em ouro de «Uma alma atribulada». Os sofrimentos são uma moeda preciosa com que podemos comprar o Céu.

Mais o Senhor Manuel da Rua da Corticeira, com os 20\$00 do costume, presente por Setembro e Outubro, e ainda mais 20\$00 de cada mês, «por ter tido mais trabalho, graças a Deus». Do persistente anónimo de sempre, por duas vezes, 100\$00 para a viúva da Nota da Quinzena e outros 100\$00 «para ajudar uma mãe a alimentar seu filho». E um impor-

tante arranjo, num bilhar, feito gentilmente pela Fábrica de Bilhares «Zanzib».

Do Porto, em cumprimento duma promessa 350\$00. E Lourenço Marques com 1.100\$00 também de promessa. Por intermédio dum engenheiro de Lisboa, 500\$00 dum anónimo, pedindo orações pela paz do mundo. O caminho seguido pela humanidade na confusão actual, é um caminho sem Deus e até contra Deus. Por isso não há paz. Também nós suplicamos à Mãe do Céu, a harmonia desejada.

Alvito aparece com um cheque de 1.524\$30, para o que for mais preciso. Mais Porto com 500\$00, «pelas ajudas que tenho recebido na minha vida particular e nos meus negócios». Novamente do Porto, «em sufrágio da alma do meu muito querido filho», 500\$00.

De uma estudante de Castelo Branco, uma carta: «Em agradecimento pelo bom resultado obtido nos exames, junto envio 20\$00. É na verdade uma migalhinha que é fruto das míseras economias de estudante». E de Braga, um estudante universitário. «Envio um vale de 52\$00 que é c me contributo de um ano para a vossa querida Obra. Contributo este que resulta de todas as semanas amearhar um escudo para ao fim de 52 semanas vos enviar».

Obrigado pela vossa simpatia e felicidade nos estudos.

E as caixas mealheiro, distribuídas por um nosso amigo da R. Alvaro Castelões, totalizaram 364\$90, assim discriminados: Operários da Fábrica Matos & Quintãs, do Porto, 120\$00; S. Correia, 158\$20; A. Miranda, 20\$20; Soares & Outeiro, 16\$50 e G. Cardoso, 50\$00. Gratos pela vossa lembrança.

Deixei para o fim desta secção a oferta amiga dum médico, amigo dedicado, de Chaves. Sempre que pode, aí está ele com a sua amizade.

«Possuo uma instalação radiológica, já não moderna mas ainda em plena uso e em condições de prestar por longos anos bom serviço».

Estou velho e doente, e impossibilitado de voltar a trabalhar; ora, como a Obra da Rua é a obra portuguesa que mais cala no fundo da minha alma por ter trazido para Deus e para a Pátria muitos valores perdidos, entendo que a ela melhor do que a qualquer outra devo fazer esta oferta».

Desculpe Senhor Doutor, de tão tardiamente acusar recepção, e informamos que o aparelho está servindo óptimamente no Calvário, ao serviço de doentes incuráveis.

E até à próxima se Deus quiser.

MANUEL PINTO

## O Santo Padre

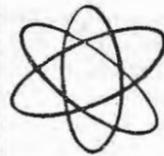
Dia 4, Festa de S. Carlos, ocorreu o 3.º aniversário da coroação do nosso Papa.

Quando a Igreja a que se pertence não é uma associação mais ou menos artificial, mas um Corpo vivo, com Cabeça e Alma divinas — é fácil de entender a estima que rodeia a cabeça visível desse Corpo (presença vicária da Cabeça) por parte dos membros do mesmo Corpo. As relações que se estabelecem entre cabeça e membros são verdadeiramente familiares, como de pai a filhos e destes ao pai. É o sentido da nossa comemoração: Festa do Papa — Festa do Pai. Portanto, Festa familiar, como, aliás, são sempre as nossas festas...

De manhã, todos, em volta do Altar, dissemos ao Cristo-Deus que queremos comungar sempre nas intenções do cristo-Seu unido. E pusemos como penhor da nossa vontade, a fraqueza, as insuficiências, os defeitos e as virtudes de que somos compostos.

Houve uma notazinha festiva à refeição do dia e à noite uma sessão à gaiato, de pé descalço e fralda de fora, a qual desejamos rica de sinceridade — como estamos certos que Pai João XXIII apreciaria.

Gaiato



## FACETAS DE UMA VIDA

Temos andado em busca de mais cartas inéditas. Sabemos que elas não são inesgotáveis, mas temos a certeza de que nos arquivos de Família ou de Amigos, haverá delas cheias daquele interesse que, se nem sempre vem das próprias cartas, tem a pessoa que as escreveu e elas retratam em «instantâneo» que, exactamente igual, não mais se repetiu.

Achámos agora um postal dos seus 14 anos, escrito ao Pai, do Colégio de S. Quitéria em Felgueiras. Data de Março de 1901.

Outra carta foi escrita dez anos mais tarde (6 de Junho de 1911), do Chinde, quando trabalhava ao serviço de «The British Central Africa Company». Ela revela o filho, boa promessa do que havia de ser o pai.

Meu Pae,

Por cartas que várias pessoas d-ahi me escrevem sei que ainda vive e com saúde, felizmente. Eu vou sempre comunicando esta boa nova ao Jayme e os dois vivemos satisfeitos por saber (por gente estranha) que o nosso bom Pae vive ainda.

E agora, se o futuro e posição dos seus filhos ausentes ainda lhe dá algum interesse, eu peço licença para lhe dizer qual o motivo porque não vou este anno a Portugal.

Acabei o meu contracto no dia 31 de Março do anno corrente e nessa mesma data pedi ao meu patrão a passagem para Portugal. Pediu-me elle que arranjasse um homem que me substituisse durante a minha ausência e que estivesse com elle pelo menos dois mezes para lhe mostrar a maneira co-

mo o meu trabalho é feito. Eu promptamente recebi o pedido e o homem veio, mas justamente quando estava para me ir embora, o meu substituto começa a mostrar muito pouca capacidade para desempenhar o meu lugar. O meu patrão pede-me novamente para ficar, ao que me recusei. Pede-me mais uma vez e eu aceitei debaixo dumas condições de grande alcance para o meu futuro. Fiz então que assignassem um novo contracto por trez annos com começo em 1 de Abril do anno corrente, onde aparece uma clausula que me dá seis mezes de licença no anno próximo de 1912 com passagens pagas e o meu ordenado completo durante esses seis mezes. Augmentaram-me o ordenado com mais L.20.0.0. por mez e deram-me L.20.0.0. por eu me resignar a ficar.

O Jayme vae, diz elle, em Junho. O Jayme vê as coisas muito diferente daquillo que eu vêjo. Se não fosse elle, apesar de todas as garantias que a casa me offerece e os constantes pedidos do meu patrão, eu estava a caminho da Europa porque nada me dissuadia do meu firme propósito de ir a Portugal, e muito especialmente por causa de uma carta que há dias recebemos do seu filho mais velho que nos trouxe muito desconsoladoras noticias, como por exemplo, o mau estado de saúde da Mãe, da Maria e do Zeferino.

Mas, como ia dizendo, o Jayme é absolutamente insensível a tudo isto. Já temos chagado às ultimas porque eu não concordo com elle, mas desta vez venceu-me. Não vou a Portugal por causa delle. Portanto elle vae em Julho se essa ida não lhe transtornar o fu-

# Venda do jornal em LISBOA

De quinze em quinze dias um grupo dos nossos rapazes sai de manhãzinha para a Capital onde procuram espalhar a mensagem do Evangelho através do nosso querido «Famoso».

Segundo a estatística, a capital e arredores têm mais de um milhão de habitantes. Os nossos vendedores, depois de um grande esforço e sacrifício conseguem, ao fim de 3 dias de venda, vender pouco mais de dois mil jornais!!!

Mas então o que se passa? O seguinte: Eles, vendedores, não podem vender em todos os lugares! A capital é muito grande. Tem inúmeras companhias, Estações de Caminho de Ferro, Cafés, Igrejas. Em todos estes lugares «O Gaiato» podia ter entrada, porque muitos são os que o esperam.

E se houvesse apenas um bocadinho mais de amor por nós, concerta-se que os nossos vendedores no regresso viriam mais alegres e satisfeitos. Porém, assim não acontece. O que será necessário fazer-se? Muito simples. Os nossos queridos assinantes têm uma oportunidade de mais uma vez nos ajudarem. Deles depende a entrada em companhias onde ainda não se pode. Deles depende a entrada nos Caminhos de Ferro (Rossio, Santa Apolónia e Cais do Sodré), onde também ainda não se pode, etc.

Ora como temos assinantes espalhados em quase todos estes lugares, pedimos-lhes para que nos facilitem a entrada para podermos vender mais jornais. Porque quantos mais, — melhor podemos espalhar a mensagem. Nós temos responsabilidades. E grandes. Todo o nosso país confia em nós. Mas esta confiança só pode ser realizada na medida em que nos pudermos estender.

Nós bem sabemos que nem tudo são facilidades. No entanto, a Casa do Gaiato de Lisboa tem 110 rapazes aproximadamente, o que equivale a 217.800 refeições por ano e vestir e calçar, e educar (Desculpem a estatística). Dos 110, uns 40 a 50 são de Lisboa (cidade). Quer dizer: Os lisboetas são responsáveis por eles. Porque na verdade nós livramos a capital de muitos trabalhos. Ajudamos-os a manter um maior sossego. Dal a sua responsabilidade na ajuda que nós merecemos. E se todos assim pensarem, compreenderem e colaborarem, vamos levar o nosso jornal aonde ele ainda não entra. Vamos proporcionar aos nossos vendedores uma nova esperança, uma nova alegria, para que não regressem da venda do jornal cada vez mais desiludidos.

É preciso portanto fazer campanha. E a campanha tem de ser feita pelos nossos queridos assinantes de Lisboa. Nós estamos já convencidos de que Lisboa vai despertar. Sempre de vagar, é certo, mas há-de despertar. Se assim não for, como, poderemos fazer frente às necessidades de uma casa que tem por única fonte de ajuda a generosidade dos seus amigos?

Lancemo-nos todos, sem esfriarmos um momento sequer, nesta campanha que deverá ser de todos nós. E deixem, senhores administradores, directores, gerentes e demais entidades comerciais e industriais, que «O Gaiato» entre livremente, sem entraves de qualquer espécie, nas vossas casas e repartições. Tem a palavra os nossos queridos assinantes da Capital.

Cândido Pereira

turo e mais negócios, caso contrário não vae.

Peço-lhe portanto meu Pae, que não se esqueça de seus filhos e que dê sempre que possa signal de vida mostrando-nos a sua letra, já que não pode mostrar-nos a sua pessoa.

Eu tenho muita saúde, felizmente, e muitas esperanças de ver a minha Mãe e todos os outros para o próximo anno. Abençoe-me.

Américo de Aguiar

A VOZ DOS LEITORES — É uma carta de Lisboa, o primeiro ponto de meditação. Ei-la:

«Aqui vai mais um coração que o vosso jornal e a vossa Casa conseguem prender e levar «Portugal fora». E quando digo um, porque sou eu que escrevo, digo melhor «dois», eu e meu marido, que paramos muitas vezes desta vida grande sem descanso, vida feliz graças a Deus, e nos detemos maravilhados, sensibilizados, nos mil sentimentos que desperta o vosso jornal. Queremos contribuir regularmente, sem contar com dádivas eventuais como temos feito. Vou tentar outras assinaturas e farei tudo que estiver ao meu alcance. Tem, por exemplo, boletins de inscrição para que eu possa distribuir pelos alunos? Com a vossa morada já, para simplificação e convencer os mais indiferentes? Queira, por favor e vosso merecimento, pedir a Deus pelos nossos dois filhos, ainda pequeninos, para que saibam, pela vida fora, apreciar a felicidade que os rodeia e já que a sorte não os fez nascer filhos da rua, que se identifiquem, ao menos, com o espírito desses que passam pela vossa casa, tornando-os humanamente grandes em si próprios, e aos olhos do mundo e de Deus».

Um Casal cristão é assim: quando digo um, porque sou eu que escrevo, digo melhor «dois», eu e meu marido. Oportuna lição para o mundo conturbado pelas «desintegrações», do átomo à vida de família! Por isso o seu fervor repercute-se: Vou tentar outras assinaturas e farei tudo que estiver ao meu alcance. Tem por exemplo boletins de inscrição para que eu possa distribuir pelos alunos? Com a vossa morada já, para simplificar os mais indiferentes? Escrevemos hoje mesmo a dizer que não. Os boletins esgotaram-se! E já estivemos tentados a reimprimir um milheiro ou dois. Mas... Tenham paciência; umas listas à mão. E, dessa forma, quem se enamora do «Gaiato», fá-lo de verdade.

x x x

PORTO/LISBOA — Não é famoso o movimento de gente fresca recebido durante o mês, das maiores urbes do país. Todavia, houve presenças. Há interesse. Há vida — porque a chama continua acesa e jamais apagará.

Estamos à beira do inverno. E agora os senhores tripeiros e lisboetas vão ter possibilidades de uma acção mais eficaz. Ele nos escritórios, nas fábricas, nos cafés, nos clubes, nas reuniões familiares — onde houver um amigo que não pertença ao rol dos nossos assinantes poderão levantar a voz. Pegar num lápis ou numa caneta. E pronto — temos mais novos leitores. Sobretudo Lisboa. Nós precisamos de incendiar a Capital. Entretanto, a carta que segue no topo é mais um exemplo prós senhores lisboetas. Não há tempo de perder tempo!

x x x

DO MINHO AO ALGARVE — Vem aí o turbilhão! Cartas, postais, listas de gente que não descansa — e que não tem férias. Ora vejam: Presente o 9330 que vence mais uma barreira — e manda outro novo leitor de Viana do Castelo. Mas não ficou só por aqui. Caixa viajante, onde pá-

# ASSINATURAS

ra dá sinal. Aqui está o último postal: mais uma vez consigo mais um palmo de terreno em mais um Lar que promete. Ó delicadeza!

A procissão continua com Barão de Santiago de Besteiros, Vila Fria (Darque), Geraldês (Oeste), Lousado, Aguiar da Beira, Carregado, Outeiro (Serzedo), Chaves, Coimbra e Barragem da Bemposta. Mais Jovim (Gondomar), Bragança, Monção, Carracedo de Anciães, Marinha Grande, Trouxemil (Coimbra), Águeda, Baixa da Banheira, Murtosa, Carcavelos, Moimenta da Beira, Alhandra, Vila da Feira, Barcelos, Nespereira de Baixo (Sever do Vouga), Vila Nova de Gaia e Ermezinde. Finalmente, uma leitora de S. Martinho de Mouros acaçou gente fresca em Coruche

(Aguiar da Beira) e Vila Real, afirmando: Prometo não me esquecer de angariar mais assinaturas logo que me seja possível. Ótimo!

x x x

ULTRAMAR — Angola tem vontade de não perder o seu lugar na Campanha. Por isso, segue radiante pelas mãos do Lobo e da sua capital — Luanda.

Moçambique adormeceu. Mas acordou já e marca presença em cheio, por intermédio do Luabo, Beira, Quelimane e Hangor. Esta povoação pertence a que distrito ou circunscrição? Consultámos um anuário que trouxemos de Moçambique o ano passado e não consta lá!

Por último, de Lourenço Marques, uma data deles! Há duas

vezes seguidas já, que mantinha silêncio!

Com licença dos senhores africanistas aqui vão novos leitores de Ponta Delgada (Açores) e Ponte do Sol (Madeira). A Pérola do Atlântico segue devagarinho — mas comparece. Isso é que interessa.

x x x

BRASIL — Surge, também, de vez em quando. Não tanto como outrora, na época do cruzeiro valorizado. Mas como a gente não anda em cata de cruzeiros, mas de leitores, livrem-se do medo do cambio — que a vida do Espírito tem mais valor.

Registamos a presença de Santos e Rio de Janeiro.

Mais nada.

Júlio Mendes

## BELÉM

Minhas Senhoras e meus Senhores, se tiverem em vossas casas capas, botas e chapéus de chuva de que os

uma tesoura de que não faça uso. Eu agradecia-lhe desde já se ma mandava. Se eu tivesse uma tesoura que cortasse bem, o Calvário no que diz respeito

## PELAS CASAS DO GAIATO

vossos filhos já não precisem, por favor não se esqueçam de nós. Quando chove, nos dias da venda do jornal, chegamos a casa todas molhadas, porque as nossas capas de plástico já andam todas rotas. As meninas que vão todos os dias à padaria e as que vão fazer as compras à praça e outros recados também agradeciam muito um guarda chuva.

Os senhores comerciantes, se tiverem algumas capas que já não estejam na moda, mandem-nas, por favor, que nós não ligamos a modas. O que queremos é livrar-nos da chuva. Algumas das meninas que andam a fazer a devolução das primeiras sextas-feiras já perderam a última, porque estava a chover muito e a nossa Mãe não as deixou sair. É que nós só temos a varanda de fora para estender a roupa e quando o vento bate de norte ainda se molha mais. É uma arrelia! Acudam-nos por favor, que Deus lhes pagará.

Em nome de todas as belenitas agradece muito a,

Fatinha

## CALVÁRIO

Estimados Leitores: É pela primeira vez que escrevo para «O Gaiato». Sou um dos doentes do Calvário. Nós, os doentes, todos trabalhamos embora uns mais do que outros porque uns podem melhor e outros pior. Os nossos trabalhos para com os doentes são feitos com muito carinho e por isso oferecemo-los a Deus como sacrifício para nos perdoar as faltas que cometemos durante o dia. O meu trabalho é o seguinte: Quando estou ao serviço dos doentes, faço-lhes todos os trabalhos que eles necessitam. As vezes faço-lhes qualquer trabalho de carpinteiro sendo este pouco esforçado e finalmente faço os trabalhos do jardim. Nos jardins corto a relva, as sebes, plantas, flores, sementeiras, etc.. Destes trabalhos, o que gosto mais é sem dúvida o do jardim.

Amigos Leitores: Noutro dia estava a cortar umas sebes e de repente partiu uma das folhas da tesoura. A tesoura foi para soldar e o certo é que nunca mais ficou a cortar como quando era nova. Talvez o nosso amigo leitor tenha

aos trabalhos do jardim, ficaria com um aspecto mais bonito. Eu sei que o Calvário não é lugar de beleza, até pelo contrário, é lugar de sofrimento onde há irmãos que sofrem por amor de Cristo. Tenho vontade de trabalhar, só me falta a ferramenta. Estes trabalhos acima mencionados são feitos durante a semana. Aos domingos divirtimo-me jogando com alguns doentes paráliticos e outras vezes vou ver o futebol juntamente com os Gaiatos.

Uma vez que lhes falei em futebol, vou-lhes contar um caso que se deu noutro dia comigo. Fui ao futebol com os rapazes e no regresso cheguei atrasado 15 minutos ao Calvário. As senhoras não me deram de comer. Eu aceitei o castigo de boa vontade porque foi assim que me ensinaram os meus pais quando eu era pequeno e todos nós devemos ser assim. De noite comecei a pensar no caso que se tinha passado e vi que não tinha outra solução senão esta: Concerteza não me denam de comer para me ensinarem que há horas para trabalhar, comer e dormir e divertir. Meditei um pouco nisto, e verifiquei que tiveram razão para me castigarem. Se não fosse o Pai Américo quantos de nós andaríamos esfomeados, maltratados, esfarrapados. Devo dar graças a Deus por me ver nesta maravilhosa Obra. Também devo dar graças ao Pai Américo por ter contribuído muito para o bem-estar de muitos irmãos abandonados e esquecidos pelas pessoas que se dizem cristãs.

Amigos Leitores: Não se esqueçam de ver em suas casas se têm uma tesoura de jardim. Eu agradecia-lhes muito se ma mandassem. Já tenho cortado as sebes com uma tesoura de pano. Calculem a paciência que eu tenho tido. Pode ser que alguns dos leitores se compadeça e nos mande uma tesoura. Desde já lhes agradeço todas as atenções que tiverem para conosco. Felicidades para todos.

Um dos doentes do Calvário Daniel

## LAR DO PORTO

CONFERENCIA — No passado dia 8 de Outubro, os componentes da nos-

sa Conferência, resolveram levar a cabo uma homenagem de saudade a Pai Américo e ainda incluído no programa, visitamos o Calvário e a Casa do Gaiato de Beira.

Não levamos flores nem velas mas em contrapartida levamos os nossos pobres mais velhinhos que, para Pai Américo terão muito mais valor.

A festa começou com a Santa Miss celebrada pelo Sr. Pr. Carlos, na nossa capelinha, onde toda a caravara comungou. Na prática, o celebrante lembrou a todos os presentes, qual seu dever, em relação à situação e que se encontram. O pobre deve ser colocado no mesmo plano do vicentino disse ele a breve trecho; pois, be vistas as coisas, todos nós somos pobres embora uns tendo uma situação mais desafogada, que outros. Todos perforce uma única família que vive os mesmos dramas e luta em conjunto pela solução dos seus problemas.

Seguidamente fomos tomar o pequeno almoço. Não existiam os lugares especiais e por isso ficamos todos intercalados. Depois fomos ver tudo chegar ao almoço que, como era de esperar foi melhorado. Até houve a tria de sobre-mesa. O Sr. Pr. Carlos e o Sr. Pr. Manuel António também nos fizeram companhia, associando assim à nossa grande alegria.

Eram aproximadamente 15 boi quando seguimos para Paredes, o destino à Obra do Calvário e à Casa de Beira. Os nossos convidados foram muito desta segunda parte do nosso passeio mas com o «Calvário» ficaram encantados. Ignoravam o fim que foi criada esta Obra, mas ficaram elucidados. Ali nada falta, nem mesmo os divertimentos adequados às pessoas, às idades e às doenças. Tudo muito limpo e airoso. Havia uma sensação de se respirar saúde e entanto, todos os seus habitantes são incuráveis. Não se notava aquele cheiro muito esquisito que em outros hospitais se nota. Aves, toda a qualidade, coelhos, pombo-pavões, patos e galinhas etc, servi para divertimento de uns, passatempo de outros e alegria de todos. Camas muito limpas e devidamente alinhadas, dão-nos a certeza de que tudo está muito bem orientado. Na Obra do Calvário não pára; air há um ano, tudo se fazia com 3 casas e capela e o hospital. Agora, são sem número de moradias.

Alberto de Almeida



Carlos, Mécia e a Família da Obra!

Estamos na varanda da Casa-Mãe, a mais bela da Aldeia. Ao fundo, em anfiteatro, os verdes campos cercados de ramadas. Fruteiras. As laranjeiras e oliveiras na encosta da viçosa mata. A cercar, o muitas vezes centenário muro pejado de eras. O campo de futebol, balneário, dormitórios, as oficinas, escolas, adega e salões de recreio. Aqui ao lado, a brancura do hospital com janelas abertas ao ar puro. Nas avenidas, pequenos templos que são estes corações

uma Obra Familiar. Dispensa estranhos. Chama à responsabilidade e exige dos escolhidos. Nunca se viu tal entre nós...!»

«Que o Bom Deus acrescenta a vida de todos! Aquele acrescentar não deve tomar-se por linguagem dos homens. Deus, muitas vezes, tirando acrescenta! É este acréscimo que eu peço para todos.»

Logo pela manhã começou a grande azáfama da

Flores. Vivas. São os noivos que chegam. Já passam das onze horas e todos se juntam em volta do cruzeiro. Os noivos já estão lá dentro. Vamos entrar que começa o momento culminante. Todos se chegam à frente, mesmo junto aos degraus do altar. Do lado direito, S. Francisco. À esquerda, Nossa Senhora. Gravada na pedra, uma cruz nos fala da presença de Pai Américo. Todos a postos e vem o Senhor Padre Carlos:

— Carlos de Pinho Ferreira, deseja para tua

almoço. Há silêncio. Entram os noivos sob uma forte salva de palmas e todos os corações se mostram contentes. Ficam no meio com os convidados. Está o bolo de noiva feito pela Se Dona Sofia que disto percebe muito. Muita ordem. Muita alegria. Muito tudo. Muito gaiato, muito singelo. Quem não ama e não vive estes dias que são de autêntico Pentecostes, quem? Todos andam em roda viva e servem com prazer. Alguns foram para nós grandes revelações em pequenos pormenores. A saborosa canja. O arroz magnífico. A galinha com piri-piri. Os bifés. O doce. O vinho da nossa quinta. A fruta. A impagável alegria.

— Eh pá, vê lá se me desenrascas...

— Olha mais uma perninha para mim, dizia o Pinto.

— Eu ainda não tive nada mais a madrinha, não te esqueças, diz o Mendes!

— Eu não quero vinho do Porto que me faz mal ao fígado, diz o Senhor Engenheiro. Traz antes vinho branco. O Senhor Padre Baptista manda-me perguntar se eu também sou da catequese, mas eu já sei o catecismo de cor. Vai dizer-lhe que é um brincalhão.

— Isto está tão picante! como arranjaram isto, comenta o Sepadre Horácio.

— Os cozinheiros são uns valentes trolhas. Vê-se logo que são da Tipografia, diz o Sepadre Carlos, mas sempre a comer...

No salão dos casamentos estão os treze Pobres. Eles sempre em primeiro. Para eles o primeiro e o melhor. A maior riqueza da Obra não se pode deixar para segundo plano, pois se eles são tudo!... Aqui reunidos os passos. Depois do Tabor, vem o Calvário! E, estas cruces bem pesadas, se tornam em preciosas flores que todos saboreiam.

Os vicentinos, com Júlio Mendes e Sedona Ana, à frente, servem. O momento é grande, porque todos são pequeninos, humildes e bons. Os Pobres estão sempre, porque um sustentáculo, uma coluna à qual se encosta uma grande Obra.

Continuamos a ser o inédito. Continuamos a ser uma revolução porque se contradiz os tempos.

Belém está a necessitar tanto de instalações adequadas como de pão para a boca das belenitas — repetimos. Sem elas não poderá atingir os fins para que foi criada e que são a educação e preparação prática para a vida das crianças que lhe ficarem confiadas.

Muitos dos nossos Amigos já sabem e os outros ficam agora a saber que temos andado a diligenciar no sentido de conseguir para Belém alguma quinta situada não longe da cidade. É que, sendo a Obra ainda tão novinha e incipiente, não poderá ir lançar raízes que garantam a sua vitalidade e crescimento em local muito afastado do meio urbano pois não tem ainda meios de se bastar a si própria.

Depois de termos visto bastantes quintas e terrenos, consideramo-nos mais aptas a tomar uma decisão acertada, mas encontramos-nos perante o seguinte dilema: ou adquirir terreno onde começemos a construir casa de habitação ao ritmo da chegada das esmolas a tal destinadas; ou comprar quinta com casa de habitação que nos permita a mudança para a mesma das crianças que já temos, para depois irmos fazendo as obras de aumento e adaptação na medida das nossas necessidades e possibilidades. No primeiro caso teríamos de permanecer nesta habitação não sabemos por quanto tempo, o que deixaria sem solução vários problemas respeitantes à educação das belenitas. E penso que, depois das contas feitas, a despesa seria ainda maior. No segundo caso calcula-se

a despesa mínima em 800 contos. A aquisição da quinta com habitação representaria grande economia de tempo e energias ou seja grande avanço para a Obra. Porém, precisaríamos de ter 200 contos para entregar no acto da compra e depois mais 300 dentro de meio ano.

Eu já me fui daqui a Lisboa expôr esta grande necessidade da Obra ao Sr. Ministro da Saúde e Assistência, que prometeu ajuda. Também já fiz o meu pedido à Fundação Gulbenkian, que ainda não deu qualquer resposta.

Hoje aqui se faz também o mesmo apelo aos particulares, àqueles Amigos da primeira hora, que têm vindo a sustentar Belém durante os três anos da sua existência. E, quem sabe donde nos virá a primeira e maior ajuda? Por enquanto, só Deus, em Quem ponho toda a minha esperança.

Fico a pedir-Lhe que tudo encaminhe no sentido de podermos tomar a decisão que nos parece melhor: adquirir a quinta com habitação a que já fiz referência, para onde nos poderíamos mudar dentro de pouco tempo. A casa, depois de algumas obras de aumento e adaptação, ficaria apta a receber umas 60 crianças. Subir acima deste número seria criar dificuldades na educação de todas. Outras construções necessárias viriam a seu tempo e na medida das crescentes necessidades.

Que Deus nos ouça e a todos ajude na medida da sua generosidade são os votos da,

Inês — Belém — Viseu

## CASOS DO MOMENTO

juvenis, dão largas à sua alegria. Quem dera que todos fossemos sempre assim, pequeninos!

O sol não descobre mas o dia é belo. O vento agita os cedros que circundam as avenidas a que todos, sem distinção, entoam louvores. Aqui no campo do meio, os bardos estão em cruz. No meio mais fruteiras que são a delícia a seu tempo: primeiro com a flor, depois com as folhas e por fim os vitaminados frutos. Tudo isto nos fala da beleza da mais bela e mais portuguesa aldeia de Portugal. Todas estas coisas nos aflam com saudade do coração de Pai Américo. Hoje são 23 de Outubro. Ele faz 74 anos. Está aqui. Olha como Ele repara! Vai a passar em silêncio, recolhido na simplicidade da sua batina preta. Somos maus mas faz-nos bem vê-lo. Reparar na sua atitude. Só que seja o pensar que Ele está ainda mais presente e que é tudo para todos nós. Não nos aproximamos dele mas, mesmo aqui de longe sentimos o respeito da figura que passa envolta na capa com seu cabelo branco muito curtinho, de mãos metidas dentro. Ele vai a passar!

Este foi o dia escolhido para o casamento do Carlitos e a ele dedicamos estas breves e despretensiosas linhas, citando duas passagens de Pai Américo que se quadram perfeitamente com o acto. Ouçamo-lo, abrindo o coração, apurando os sentidos:

«A nossa Obra é única em seu género, por isso escandalisa. Além do mais apresenta-se e é, de facto,

cozinha. Tira-Olhos, Zé Caracás, Fagulha e Pipas. Os panelões cheiinhos. Muito trabalho. Muita alegria. Muito barulho. Boa disposição. Muito tudo. São assim todas as festas cá em casa. A parte melhor, mais saborosa, são sempre os trabalhos, que não a festa propriamente dita. E aqui se vê a amizade que temos uns aos outros e o que custa não chega a ser sacrifício...

São onze horas e o comer já está quase todo pronto. Logo aparecem os voluntários provedores, para ver como a «coisa pica». Há que meter a mão ao panelão e os ilustres visitantes não se fazem rogados. Lá estava o Peniche, que era o «ministro» do vinho, os refeiteiros, Américo, Zé, Martins, Campanera, o Rocha. Se Dona Sofia ralhava. Sepadre Manel fazia caras feias. Tudo fala. Todo o mundo dá ordens. Tudo diz como devia ser, mas ninguém faz nada... O estrugido queima-se e há que fazer outro... «A-crescenta a sopa. Deita-lhe os miúdos das galinhas, senão os graúdos não gostam». «Deita mais piri-piri na galinha». «Olha isto tão enosso»... «Deixa ver o gosto dos bifés»... «Tudo não sei como»... Mas a verdade é que todos corriam para lá e as panelas iam ficando mais vazias. E a procissão dos desenrascados prometia não terminar se não era o cozinheiro-mor impor a sua «pranta»...

Mais barulho. Ajuntamento à porta da capela.

legítima esposa, Mécia de Jesus?

— Quero. — Mécia de Jesus, que res para teu legítimo esposo, conforme as leis da Santa Igreja, Carlos de Pinho Ferreira?

— Sim. Vai começar a Missa. O grupo coral canta, e bastante bem. Estão o Senhor Padre Baptista e o Senhor Padre Horácio. Treze Pobres da Conferência que, como nos mais anos, vêem almoçar conosco. Estão os 200 irmãos do Carlos. Está a Família!

A homilia, Senhor Padre Carlos fez uma pequena prática alusiva ao acto. O que é o casamento. Dos deveres e obrigações que os noivos terão de prescrever mutuamente. Da essência do Sacramento. Da Família que cresce. Duma Obra que é Mãe e dos deveres dos filhos sob suas asas. Os que devem dar um pouco do muito que recebem. Da universalidade. Do que representa lá fora um gaiato na verdadeira acepção da palavra. A repercussão que têm os nossos actos. Da nossa vida que deve ser um espelho e uma bandeira que deve chamar mais. O respeito que nos merecem aqueles que tudo fazem por respeito.

Mais cânticos. A participação de alguns na mesa da Comunhão. Uma pequenina réstea de sol que entra pelos lindos vitrais, que são das coisas mais belas e significativas que a nossa capela possui. Um casamento é sempre um dia jubiloso que não passa indiferente a ninguém.

Começa a servir-se o



Alvaro de Jesus Miguel



Américo dos Santos